

PAISAGEM

EM VISÃO OU IMERSÃO?

ARTIGO



Prof. Sara Roby, LabLD

1. Av. da República. Lisboa, Portugal/ Crédito: Sara Roby | 2. 3. e 4. Rossio. Lisboa, Portugal/ Crédito: Sara Roby | 5. Aproximações ao Castelo de Palmela. Setúbal, Portugal/ Crédito: Sara Roby

Suponho que haverá já poucos locais no planeta onde o espaço natural esteja completamente destituído de intervenção humana. (Haverá ainda algum?) Dez mil anos de existência indicam-nos que faz parte da natureza humana agir sobre o meio que ocupa e que necessitamos dessa operação para se desenvolver a vida em sociedade. Aproximadamente cinco mil anos de história da arquitectura provam-no também. Em relação a isso Juhani Pallasmaa defende exactamente que

«Architecture is our primary instrument in relating us with space and time, and giving these dimensions a human measure. It domesticates limitless space and endless time to be tolerated, inhabited and understood by humankind».

Será então com quantidades maiores ou menores de arquitectura (variações

de proporção entre o edificado e o vazio) que, como refere Pallasmaa, “domesticamos” o espaço exterior, definindo a paisagem. Esta será mais urbana se o edificado prevalecer sobre o vazio ou um pouco mais natural se o vazio e o vegetal prevalecerem sobre o construído. Mas de uma forma ou de outra, essa paisagem exterior será produto (ou assim se espera que seja) da intervenção do arquitecto (nas vertentes de arquitectura, urbanismo, paisagismo ou outro qualquer ismo) e, em todos os casos, o designer de iluminação poderá ter um papel relevante na construção dessa paisagem. Pergunto-me como?

Se observarmos os estudos de psicologia ambiental que propõem modelos de apreciação ambiental - e que será legítimo adoptar para a apreciação da paisagem - verifica-se que estes estudos já identificaram os atributos ambientais que parecem

influenciar a opinião subjectiva do observador sobre a paisagem. Estes atributos são:

- **legibilidade / clareza**
com abertura de vistas e facilidade em ver o entorno e em explorá-lo;
- **coerência / ordem**
organizado e não confuso;
- **complexidade moderada**
com riqueza visual que capta a atenção, e gerando interesse e curiosidade;
- **novidade moderada / compatibilidade**
de atipicidade moderada ou baixa, que induz conforto;
- **cuidado/ zelo**
bem mantido ou preservado;
- **significado histórico**
entendido como tendo significado histórico, mesmo sem o ter;
- **natureza**
com presença de vegetação, água ou montanhas

Mesmo tendo em conta que as características individuais e socio-culturais do observador (como a personalidade, cultura, intenções e estado de espírito) influenciam também a apreciação sobre o ambiente, o design de iluminação tem, se conseguir trabalhar estes atributos para os tornar características do espaço exterior, a capacidade de influenciar positivamente a impressão subjectiva de todos nós sobre a paisagem.

Acontece que tendemos a centrar e privilegiar o sentido da visão na nossa interacção com o mundo real, possivelmente mais ainda nesta era em que, se a visão não está a gerir a nossa interacção com o mundo real, está absorvida na interacção com o mundo virtual.

E enquanto que durante séculos a paisagem (mais) urbana e a paisagem (mais) natural se construíram continuamente de elementos de conjunto e de elementos de excepção, a tendência que se sente actualmente, possivelmente em resultado da hegemonia dada à retina, é que a arquitectura tende a oferecer, antes de tudo, "objectos de sedução visual".

E temo que a iluminação artificial tenda a plasmar o que se produz na arquitectura e que esteja a ser utilizada, mais ainda, para o enfatizar. Por exemplo, no espaço urbano de Lisboa, já encontramos edifícios (de comércio, de serviços ou de habitação) que





durante o dia, ainda no seu sensato low profile, concorrem condignamente para formar parte de um todo e configuram o quarteirão da rua, avenida ou praça em que se inserem, mas que, quando a luz natural sai de cena, se transfiguram através da iluminação, tentando a todo o custo a individualização. Caricatamente, acontece que muitas das vezes, nessa tentativa de individualização, até repetem a mesma solução desinteressante.

Pergunto-me o que acontecerá quando todos os edifícios nas nossas cidades adoptarem essa atitude? Teremos Times Square ao virar de qualquer esquina?

Com isso, com a sucessão de edifícios preocupados unicamente com a sua imagem estaremos a aniquilar uma série de componentes importantes da apreciação positiva da paisagem urbana, sendo que a clareza poderá ficar ilegível, a coerência tenderá para a desordem, a complexidade transformar-se-á em confusão, o carácter histórico poderá ser obliterado e a novidade, de moderada ficará exacerbada e provocará desconforto. Ao invés de a iluminação qualificar a arquitectura e os elementos que a compõe e que compõe a paisagem, estará a fragmentar o espaço exterior, tornando-o uma colagem de imagens individuais descontextualizadas.

Será então necessário inverter esta tendência. E nesse caso interessa observar o pressuposto de Manuel Taíña, que expõe que

«A Paisagem interpreto-a eu, (aqui e sempre) não como pura imagem, como mundo de contemplação, mas pelo contrário como espaço percorrável, origem e produto da actividade sensível,

subjectiva, prática do homem; actividade sobre a qual ele constrói a monumentalidade da sua memória».

Encarando a paisagem desta forma, como espaço percorível que é, poderemos restabelecer a experiência háptica do espaço, que a arquitectura e a paisagem têm o privilégio de poder proporcionar. Ao invés de se insistir no enquadramento único da cena centrado no edifício singular, poderemos oferecer uma paisagem, urbana ou (mais) natural coerente, interligada e capacitada para suportar a diversidade de actividades humanas que vão muito além da observação estática.

E caberá ao designer de iluminação um papel primordial nessa acção. A iluminação desenhada e diferenciada po-derá, dependendo do contexto, proporcionar o ambiente para o percurso ou para a estadia, o mote para a procura, a descoberta e o encontro, o estímulo para emoção ou para a calma, o entorno para o convívio ou o isolamento, o suporte para o trabalho ou o lazer, o cenário para a festa ou para a tranquilidade. A iluminação será então nessa altura um elemento essencial no enquadramento e na condução de todas as interacções e actividades da vida humana na paisagem, retirando-nos o papel de mero espectador apático e oferecendo-nos o papel emocionante de participante. ■

